

COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO P&G

INFORMAÇÃO

Os primeiros a comunicar foram os homens primitivos sem roupas. Os primeiros a informar foram os homens primitivos com roupas, e um crachá de imprensa.

Ainda homens primitivos. Nada mudou. Exceto que os primeiros tinham que sobreviver à vida, enquanto os segundos ganham a vida trazendo os sobreviventes de volta à vida.

Mas não há tempo para discussões ou críticas — atividades que eu nunca pratiquei.

O que eu gostaria de fazer é contar a diferença antropológica entre as duas através de histórias.

A primeira forma verdadeira de comunicação — e aqui todo mundo vai pular da cadeira — é o silêncio.

Antes da palavra, antes da voz, antes do gesto, antes da postura, a prática do silêncio sempre mediu a inteligência de uma pessoa pela sua capacidade de processar e decidir — nunca o contrário.

E os homens, reunidos, ficavam em silêncio, observando as estrelas, o abstrato, o imaginado — até que, à distância, um grupo de mulheres, certas de que estavam sozinhas, começava a conversar entre si: vozes baixas, tom controlado, ritmo controlado, uma cadência ordenada, cada palavra cuidadosamente colocada. Isso é coisa de mulher.

Mas a primeira lição que o silêncio deixou para a humanidade não é um tipo de reserva interior — é um método, uma fronteira final dentro de cada espaço onde as decisões de verdade são tomadas.

Ainda assim, o ruído dentro do silêncio é exatamente aquilo que nunca falta: vem de dentro, e é emocional, cognitivo, lógico e racional, instintivo e afetivo ao mesmo tempo.

E aqui, as únicas realmente capazes de lidar com isso continuam sendo, como sempre, as mulheres — tão completas, tão funcionais, que também receberam a tarefa de levar adiante a reprodução humana. (Em outros campos — o biológico, o celular — há machos que também dão à luz. Mas isso é um tipo diferente de comunicação.)

Para tudo o mais que não cobri aqui, deixo à experiência de cada um — essa é a melhor parte de quem somos.

Informação me lembra um jogo que jogávamos quando crianças: todos em círculo, a primeira pessoa sussurra uma palavra no ouvido da próxima, e ela passa pela fila através de doze pessoas. O que saía do outro lado normalmente era uma explosão de risadas.

O jogo podia rodar com uma única palavra ou uma frase inteira, e era isto que acontecia:

Comece com VAI VIVER, e depois de doze repasses, a palavra que saiu do outro lado era VAI MORRER.

Comece com uma frase como TODOS SABÍAMOS QUE ELE IA VIVER, e depois de doze repasses ela voltava como TODOS SOUBERAM QUE ELE ESTAVA MORTO, FUNERAL MARCADO PARA O DIA 12 ÀS 12H. Ha ha ha ha.

É exatamente assim que vejo a mídia mover a informação hoje — a mesma frase de abertura de uma matéria é reportada de forma diferente por um veículo atrás do outro. O que pensávamos ser um jogo de criança é, na verdade, a verdade amarga sobre uma indústria da informação onde já não existe diferença entre uma banca de jornal e uma redação.

No fim, as duas coisas compartilham um único fio — ambas são filhas da mesma origem primitiva. Basta olhar como as pessoas se vestem.

Boa leitura.

Ferdinando

Ferdinando Frega — gillettenarrative.com